

A MODERNIDADE BRASILEIRA SEGUNDO BUARQUE DE HOLANDA

Rafael Venturini Trindade- UFES¹
Graduando em Economia

RESUMO: O artigo aborda a evolução da sociedade nacional sob o olhar de Sérgio e Chico Buarque de Holanda, estabelecendo um diálogo possível entre suas respectivas obras *Raízes do Brasil* (1936) e *Leite Derramado* (2009). Através dessa incursão entre a literatura e a história social pretende-se apreender o projeto modernizador que perpassa *Raízes*, bem como sua realidade presente descrita no livro de Chico.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, *Raízes do Brasil*, *Leite Derramado*.

ABSTRACT: The article discusses the evolution of the national society under the gaze of Sergio and Chico Buarque de Holanda, establishing a possible dialogue between their respective works *Raízes do Brasil* (1936) and *Leite Derramado* (2009). Through this incursion between literature and social history, we intend to grasp the modernization project that runs through *Raízes* and show its present reality, described in Chico's book.

KEY-WORDS: Modernity, *Raízes do Brasil*, *Leite Derramado*.

1. Introdução: Sérgio Buarque, um clássico?

Em 1936, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda inaugurou a coleção Documentos Brasileiros, dirigida por Gilberto Freyre e publicada pela Editora José Olympio. Comprometida com a renovação do conhecimento sobre o Brasil, a coleção se firmou como um importante marco na transformação da historiografia nacional ocorrida a partir de 1930.²

Segundo a esposa Maria Amélia, quem datilografou a obra antes da edição, o ensaio de Sérgio Buarque surgiu aos poucos, desde sua estadia em Berlim no início dos anos trinta.

¹ Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Economia

² O objetivo dos editores era “[...] trazer ao movimento intelectual que agita o nosso país, à ânsia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova inteligência brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem. [...] revelar material tão rico e de um valor tão evidente para a compreensão e a interpretação do nosso passado, dos nossos antecedentes, da nossa vida em seus aspectos mais significativos” (FREYRE apud FRANZINI, 2007: 10).

Em Março de 1935, Buarque escreveu um longo artigo para a recém fundada *Revista Espelho* contendo o rudimento do que seria o livro sob o título *Corpo e alma do Brasil: Ensaio de Psychologia Social* (SANTOS, 2003). Inovadora quanto ao método expositivo e carregada de influências até então inéditas nas Ciências Sociais brasileiras – registra o conhecido prefácio à obra escrito por Antônio Cândido em 1967 – assim que publicada se tornaria um “clássico de nascença”. Ora, pode-se afirmar que “*um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer*”, como Calvino (1993: 10), ou mesmo que:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 1993: 11).

Essas “definições” que Ítalo Calvino apresenta no primeiro texto de *Por que ler os clássicos* abrigam também obras não literárias como *Raízes do Brasil, Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) de Caio Prado Júnior, livros que foram capazes de registrar a especificidade da experiência humana em determinado contexto histórico. Neste caso, tratava-se dos condicionantes e efeitos da profunda transformação que as bases tradicionais da sociedade brasileira pós-colonial sofriam na aurora de uma nova ordem. Cada um dos autores citados expressou, a seu modo, os desafios e anseios de um tempo com perícia tal que permitem ratificar que “[...] os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos [...]” (CALVINO, 1993: 22).

Sem embargo, mais que o autor de um clássico Sérgio Buarque é um autor moderno. Paulista, nascido em 1902 no Bairro da Liberdade, mudou-se em 1921 matriculando-se para o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. A influência das vanguardas do início do século XX, sobretudo nas grandes cidades em que viveu, não lhe deixaria incólume e durante a década de vinte seus estudos se voltaram especialmente para a literatura modernista. Sérgio acompanhou o Movimento e a Semana de 22, sendo nomeado representante da *Revista Klaxon*³ no Rio de Janeiro por Mário e Oswald de Andrade. Desde então, o contraste próprio dos modernos entre erudição

³ “KLAXON sabe que o progresso existe. Por isso, sem renegar o passado, caminha para deante, sempre, sempre” (trecho da primeira edição, de 15/02/1922). Klaxon foi a primeira revista modernista do Brasil. De publicação mensal entre os anos 1922-1923, trazia artigos e poemas originais de autores europeus (franceses, italianos e espanhóis) e também brasileiros, como Manuel Bandeira e Sergio Milliet.

e licença percorreriam toda sua vida e obra, bem como a tentativa constante de articular o ideal de Nação ao de universalidade.

Cabe aqui diferenciar brevemente “modernismo” e “modernidade”. Esta última se relaciona especialmente com as ideias políticas e econômicas que se desenvolvem desde meados do século XV até seu aprofundamento com o Liberalismo e os avanços técnicos e científicos ocorridos no século XVIII. Afiança Sánchez Vázquez (1992: 80):

Por modernidad cabe entender el proceso histórico que se abre con el proyecto ilustrado burgués de emancipación humana, con la Revolución Francesa que pretende llevarlo a la práctica y con la Revolución Industrial que va a desarrollar inmensamente las fuerzas productivas.

O modernismo, por outro lado, se caracteriza como um conjunto de movimentos culturais, escolas e estilos que permearam as artes, o *design* e a análise sociológica da primeira metade do século XX. Baseado fundamentalmente na necessidade de criação de novas formas culturais, estéticas e de organização social, pode-se dizer que o modernismo em geral é um movimento de afirmação da modernidade, destacando-lhe o caráter progressista de sua concepção histórica e ligado a seu projeto de emancipação. Em termos mais amplos, define Marshall Berman como modernismo “[...] *qualquer tentativa feita por homens e mulheres modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos, mas também sujeitos da modernização, de apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele*” (BERMAN, 2007: 11).⁴ No Brasil, o movimento apresentou caráter popular e nacionalista frente às limitações cada vez mais evidentes do modelo social tradicional.

Com efeito, *Raízes do Brasil* pode ser vista como um documento que contém vestígios do projeto modernizador de uma época, mas especialmente de seu autor, ambos compromissados com a reconstrução da cultura e política brasileiras sobre bases nacionais a partir do estudo crítico de nossa história e personalidade. A seguir, são registradas algumas das especificidades que permeiam esse projeto, iniciando pela demarcação analítica de um referencial expresso da obra: Max Weber (1864-1920) e sua Sociologia Compreensiva.

2. Por uma modernidade weberiana

⁴ Esta última colocação, por sua vez, faz remeter precisamente ao primeiro parágrafo de *Raízes*: “[...] somos, ainda hoje, uns desterrados em nossa terra” (BUARQUE, S., 1999: 31). Ademais, sobre as relações de Sérgio Buarque com o movimento modernista ver Ferreira (2008).

O Estado, entre nós, não precisa e não deve ser despótico – o despotismo condiz mal com a doçura de nosso gênio –, mas necessita de pujança e compostura, de grandeza e solicitude, ao mesmo tempo, se quiser adquirir alguma força e também essa respeitabilidade que os nossos pais ibéricos nos ensinaram a considerar a virtude suprema de todas.

Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936.

Ao abordar o fenômeno da modernidade, Weber recorre diretamente à análise do processo de *racionalização* que acompanha a Reforma Protestante. De acordo com o autor, no Ocidente pré-moderno as esferas centrais de atuação humana, quais sejam a ciência e a técnica, a arte e a moral estavam articuladas sob a autoridade da religião. O período da modernidade, ao revés, se notabilizaria pelo “desencantamento do mundo”, uma profunda separação entre essas esferas de valor e a compreensão da realidade natural e social baseada na noção de causalidade. Nele, a consciência individual passou a se orientar marcadamente de maneira teleológica, caracterizando a “sistematização da conduta da vida, sua racionalização metódica” (WEBER, 2004: 116) que confere, por seu turno, a própria instrumentalidade e previsibilidade da ação racional.

Aspectos essenciais desse processo adquirem contornos mais nítidos com o estabelecimento de uma ordem social firmada em relações impessoais e técnicas, a qual o autor denominará *burocracia*. Compreendida como uma forma de administração e dominação legítima, visto que fundamentada na norma impessoal do direito positivo, tanto o funcionalismo público como a estrutura das modernas organizações privadas são instituições burocráticas. Segundo Weber, “*la peculiaridad de la cultura moderna, especialmente su subestructura técnico-económica, exige esta ‘previsibilidad’ o calculabilidad del resultado [...]*” (WEBER, 2002: 732) e, para tanto, por sua superioridade técnica, a burocracia aplacará as formas tradicionais de administração e ordenação coletiva centradas em uma vontade subjetiva que exerce o poder. Avesso às formas de domínio tradicionais, percebe-se que “[...] *trás cada acto de un gobierno auténticamente burocrático existe en principio un sistema de ‘motivos’ racionalmente discutibles, es decir, una subsunción bajo normas o un examen de fines y medios*” (WEBER, 2002: 735).⁵ A rigor,

⁵ Em outras passagens de *Economia e Sociedade* este aspecto de negação da organização burocrática em relação à “pessoalidade” fica ainda mais evidente como por exemplo em: “Su peculiaridad específica, tan bienvenida para el capitalismo, la desarrolla en tanto mayor grado cuando más se ‘deshumaniza’, cuanto más completamente alcanza las peculiaridades específicas que le son contadas como virtudes: la eliminación del amor, del odio y de todos los elementos sensibles puramente personales, de todos los elementos irracionales que se sustraen al cálculo. En vez del jefe de las organizaciones antiguas movido por la simpatía personal, el favor, la gracia y la recompensa, la civilización moderna exige justamente para el aparato externo que la protege un especialista rigurosamente ‘objetivo’ y tanto menos interesado en las cosas propriamente humanas cuanto más complicada sea la civilización de referencia” (WEBER, 2002: 732). Mais a frente, ao visitar a obra

como a economia capitalista e o Estado moderno estão ambos baseados na divisão social e técnica do trabalho e se “a burocracia é o único modo de organizar eficientemente um grande número de pessoas [...] expande-se inevitavelmente com o crescimento econômico e político” (GIDDENS, 2000: 29). Quanto a isso, escreve Weber:

La administración burocrática pura, o sea, la administración burocrático-monocrática, atendida al expediente, es a tenor de toda la experiencia la forma más racional de ejercerse una dominación; y lo es en los sentidos siguientes: en precisión, continuidad, disciplina, rigor y confianza; calculabilidad, por tanto, para el soberano y los interesados; intensidad y extensión en el servicio; aplicabilidad formalmente universal a toda suerte de tareas; y susceptibilidad técnica de perfección para alcanza el óptimo en sus resultados. El desarrollo de las formas “modernas” de asociaciones en toda clase de terrenos (estado, iglesia, ejército, partido, explotación económica, asociación de interesados, uniones, fundaciones y cualesquiera otras que pudieran citarse) coincide totalmente con el desarrollo y incremento creciente de la administración burocrática: su aparición es, por ejemplo, el germen del estado moderno occidental. (WEBER, 2002: 178).

Deve-se sublinhar que o Estado moderno, definido por um território e povo, é o objeto *par excellence* da Teoria Política de Weber – ele mesmo essencialmente um liberal nacionalista. Heinrich Gerth e Wright Mills, por exemplo, ao apresentar a obra de Weber apontam que os conceitos de nação e de interesse nacional são o limite de sua perspectiva política e, ao mesmo tempo, constituem seu valor final (GERTH; WRIGHT MILLS In: WEBER, 1963: 66). No trecho de Weber citado acima é explicitada a maneira pela qual o autor concatena as categorias racionalização, burocracia e Estado moderno. Ele situa o surgimento deste último propriamente na instituição daquela forma particular de organização social racionalizada, antevendo também certa inevitabilidade do crescimento da burocracia com a evolução das formas modernas de associação.

E tendo em conta a teorização weberiana pode-se então intuir que, através de um processo de racionalização da consciência dos indivíduos em determinada sociedade tradicional, as instituições da mesma, suas estruturas culturais, políticas e econômicas também se racionalizariam com o passar do tempo e se constituiria um Estado efetivamente moderno. O processo referido é central para a tese de Weber e, no trecho a seguir, o autor sintetiza toda a argumentação anterior com esse enfoque:

de Sérgio Buarque, a descrição weberiana da burocracia se defrontará com seu oposto. Esse encontro parece ser um prisma privilegiado pelo autor.

La estructura burocrática es en todas partes un producto tardío de la evolución. Cuanto más retrocedemos en el proceso histórico tanto más típico nos resulta para las formas de dominación el hecho de la ausencia de una burocracia y de un cuerpo de funcionarios. La burocracia tiene un carácter “racional”: la norma, la finalidad, el medio y la impersonalidad “objetiva” dominan su conducta. Por lo tanto, su origen y propagación han influido siempre en todas partes “revolucionariamente” en su sentido especial a que luego nos referimos, tal como suele hacerlo el progreso de racionalismo en todos los sectores. La burocracia aniquiló con ello formas estructurales de dominación que no tenían un carácter *racional* en este sentido especial que empleamos la palabra. (WEBER, 2002: 752, grifo do autor).

Não obstante, há mediações fundamentais entre um Estado e uma sociedade moderna que jamais devem ser desconsideradas, seja na atividade teórica ou na implementação de reformas sociais. Um dos focos da crítica de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil* é justamente a incompreensão dessas mediações históricas por alguns juristas e intelectuais brasileiros. Segundo o autor,

de todas as formas de evasão da realidade, a crença mágica no poder das idéias pareceu-nos a mais dignificante em nossa difícil adolescência política e social. Trouxemos de terras estranhas um sistema complexo e acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam às condições da vida brasileira e sem cogitar das mudanças que tais condições lhe imporiam. (BUARQUE, S., 1999: 160).

As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas. (BUARQUE, S., 1999: 188).

Por certo também ele almejava a constituição de um autêntico Estado moderno no país. No entanto, avaliando o complexo processo de sua efetividade, sobretudo para uma nação como o Brasil do início do século passado, divisou como passo inicial de qualquer projeto político apreender “nosso sentido próprio”. Ao realizar esse percurso intelectual em *Raízes*, o autor exaustivamente demonstrará que nossa formação e desenvolvimento cultural não foram marcados por um processo de racionalização como descrito por Weber. Seriam peculiares de nossa gente, ao contrário, os costumes que advém do âmbito familiar, das relações de intimidade. Nosso personalismo⁶, contrapondo-se à norma pública e às

⁶ “Personalismo” deriva em do latim *personalis*, “pessoal”, que, por sua vez, remete a *persona*, “máscara de teatro, personagem”. No idioma Francês, *personnalisme* se refere diretamente à ideia de egoísmo, podendo ser descrito como uma tendência à subjetivação das relações do indivíduo com a realidade objetiva de maneira arbitrária. Quanto à esfera política, representa a predominância do interesse do indivíduo em relação aos demais interesses, sejam eles individuais ou coletivos. Entendida a personalidade como o conjunto de características psicológicas que determinam a individualidade de uma pessoa, o personalismo é a imposição destas características à coletividade, de maneira que uma personalidade suprime as demais (Cf. verbete “Personalismo” da *Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Nova Cultural, 1998).

relações técnicas e impessoais, nos levaria a privilegiar interesses individuais em detrimento da coletividade.

Nunca eles [ibéricos, R.V.T.] se sentiram muito à vontade em um mundo onde o mérito e a responsabilidade individuais não encontrassem pleno reconhecimento. Foi essa mentalidade, justamente, que se tornou o maior óbice, entre eles, ao espírito de organização espontânea, tão característico de povos protestantes, e sobretudo de calvinistas. (BUARQUE, S., 1999: 37).

O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época [refere-se ao período colonial, R.V.T.], uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras. Quer dizer, exatamente o contrário do que parece convir a uma população em vias de organizar-se politicamente. (BUARQUE, S., 1999: 61).

Jessé Souza (1998) assevera quanto a isso que o “homem cordial”, o arquétipo brasileiro apresentado por Sérgio Buarque, é simetricamente oposto ao protestante weberiano de *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, sendo esse último portador de uma personalidade compatível com a organização coletiva e os sistemas burocráticos de governo. Souza faz aqui um importante registro da concepção de “atraso nacional” contida na obra de Buarque. Segundo ele, tal atraso seria referenciado sobremaneira no fato de os Estados Unidos serem “[...] a nação por excelência do protestantismo ascético, onde este pode se desenvolver livre de outras influências, quase que como um tipo puro.” (SOUZA, 1998: s/p).⁷ Conforme esse autor,

no final do século XIX, enquanto o Brasil dava os primeiros passos para a reformulação do arcabouço social herdado do período colonial, os Estados Unidos já se estavam tornando uma das maiores potências industriais do planeta. [...] o prestígio político das suas instituições democráticas já era um fato universal. Nossa primeira Constituição republicana já é um reflexo desta influência. [...] Nas primeiras décadas deste século [refere-se ao século XX, R.V.T.], quando uma geração de pensadores de extraordinário talento se dedicava a procurar interpretar o Brasil na sua especificidade cultural, a comparação implícita ou explícita com os EUA passou a ser uma preocupação central. Podemos, inclusive, perceber como a recepção de Max Weber por parte destes pensadores possibilita uma ruptura importante nos nossos estudos culturais, com a superação do paradigma racial antes predominante. Sérgio Buarque de Holanda, tido, com toda a justiça, como um dos nossos maiores pensadores, é um caso típico do que afirmei. (SOUZA, 1998: s/p).

⁷ É relevante recordar como Villas Bôas (2001) que entre a primeira e a segunda fase da redação de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, Weber viajou para os EUA e visitou as regiões de New England, East Coast, Midwest, o Sul e também o Oeste americano.

Entretanto, para além das constatações de Buarque sobre o patente retrocesso político e social do Brasil nesse momento, alguns trechos da obra apresentam indícios de uma modernização ocorrendo entre as classes que compunham a base daquela sociedade.

3. Colonização e Imigração: um par oculto?

Para apreender o sentido próprio de nossa vida social, Sérgio Buarque assenta nas primeiras linhas da obra o elemento que será o núcleo do desenvolvimento de toda a sua exposição.

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. (BUARQUE, S., 1999: 31).

O argumento repousa ao longo dos sete capítulos com inúmeros exemplos históricos e descrições tipológicas, destacando a permanência secular do caráter exógeno de nossa formação. Contudo, é possível avançar à abordagem tradicional da obra detendo-se de maneira mais cuidadosa nesse objeto. No parágrafo seguinte ao citado acima o autor pontua:

[...] antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros. (BUARQUE, S., 1999: 31).

Há, portanto, a retomada literal do elemento central da análise – “*a tentativa de implantação da cultura européia [...] milenar*” – e não parece fortuita a estrutura da proposição, à medida que esta se desdobra em uma dupla perspectiva que considera (A) as possibilidades de implantação de outra cultura em nosso território e (B) a herança histórica resultante da tentativa portuguesa.

Quase um fragmento, esse trecho se encerra com o início da caracterização do legado lusitano. Evento maior nas determinações posteriores de nossas formas de convívio, instituições e ideias, a colonização portuguesa lançou as raízes sob as quais as influências culturais posteriores se sujeitariam ao longo da história brasileira. Assim, “[...] *podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou*

mal ou bem a essa forma.” (BUARQUE, S., 1999: 40). Até o sexto capítulo da obra, o autor aborda largamente este segundo ponto, a influência portuguesa.

Sem embargo, no capítulo final (“Nossa Revolução”) a tônica de seu discurso se distancia dos demais ao debruçar-se sobre o “*advento de um novo estado de coisas*” (BUARQUE, S., 1999: 172). O olhar do leitor se move então para o curso das democracias sul-americanas nas primeiras décadas do século XX, observando a subversão das bases em que se assentava nossa sociedade. O exame sociológico avança com a explicitação das contradições sociais presentes de maior vulto e, segundo o autor, as possibilidades de sua superação se manifestavam primeiramente com o início da decomposição do domínio agrário.

No dia em que o mundo rural se achou desagregado e começou a ceder rapidamente à invasão impiedosa do mundo das cidades, entrou também para decair, para um e outro, todo o ciclo das influências ultramarinas específicas de que foram portadores os portugueses. (BUARQUE, S., 1999: 172).

Aproximando-se do fim do texto com o detalhamento das estruturas da lavoura cafeeira, principalmente a paulista, em comparação com o engenho e sua forma de sociabilidade derivada, a urbanização adjacente àquela figura como fator modernizante, o resultado parcial de um percurso histórico. Sérgio Buarque já assinalara que “[...] *a habitação em cidades é essencialmente antinatural, associa-se a manifestação do espírito e da vontade, na medida em que se opõem à natureza.*” (BUARQUE, S., 1999: 95). Essa oposição entre o homem e a natureza é significativa pelo fato de que “[...] *a ação sobre as coisas, sobre o universo material, implica submissão a um objeto exterior, aceitação de uma lei estranha ao indivíduo.*” (BUARQUE, S., 1999: 38). Tal submissão, não se constituindo ela mesma um fim resultante de fatalidades históricas e sociais – ou seja, tratando-se de mão de obra livre – consubstanciaria não somente a transformação da realidade material, mas antes a aceitação por parte daquele que a realiza de preceitos objetivos. Lidando com normas impessoais, exige-se do indivíduo a adequação de meios a fins, sinônimo da racionalidade weberiana e, portanto, o processo de urbanização seria responsável por engendrar uma nova personalidade social centrada na “ética do trabalho”.

Ao apresentar no capítulo final da obra as compatibilidades germinais da formação política autoritária dos sul-americanos com ideais democráticos genuínos, o autor destaca ainda três particularidades culturais, nossa repulsa pela hierarquia, a relativa ausência dos preconceitos de raça ou cor e o advento compartilhado de formas contemporâneas de vida

(BUARQUE, S., 1999: 184). Todavia, o arranjo original dessas proposições é pouco explícito na obra daquele que “[...] *foi o primeiro estudioso que mostrou, sem escrever a palavra ‘imigração’, que o Brasil da República não é mais o Brasil do Português [...]*”. Na verdade, a contrafação das raízes “[...] *é o Brasil do neobrasileiro; do que vem de fora; do italiano, do português recente, do espanhol, do alemão, do japonês.*” (CÂNDIDO In: SANTOS, 2003).

A implantação de outra cultura em nosso território, elemento que correspondeu ao fato dominante e mais rico em consequências para a tessitura brasileira, reaparece aqui sob novos auspícios. Ao aludir à urbanidade e à chegada de inúmeros trabalhadores, “homens modernos”, portadores de uma ética, senão contraposta, diversa da “ética da aventura” do colonizador português, Sérgio Buarque dispõe que essa modernização, incidindo sobre as relações derivadas de formas tradicionais de vida, poderia criar novos tipos de racionalidade, sociabilidade e normatividade social. Partindo do povo, as novas formas de vida de uma população em vias de organizar-se politicamente extirpariam gradativamente os resquícios patriarcais, privatistas e personalistas da colonização luso-hispânica.

Como demonstrado na seção anterior, o ponto de partida teórico dessa tese é claramente a posição weberiana. Ante o imperativo de elucidar criticamente tal tese, relega-se à obra de Chico alguns dos apontamentos que serão retomados nas considerações finais.

4. A Herança

Já murcharam tua festa, pá / Mas certamente / Esqueceram uma semente /
Nalgum canto do jardim.

Chico Buarque de Holanda, *Tanto Mar*, 1978.

Fazer de *Leite Derramado* (BUARQUE, C., 2009), um romance, complemento possível à rigorosa análise histórica de *Raízes do Brasil*, malgrado a concepção de obra artística (literária, nesse caso) como expressão sensível da realidade, pode parecer, num primeiro momento, pouco mais que uma insinuação forçosa acerca da influência do pai no filho ou qualquer outra possível relação afetiva e intelectual expressa entre obras separadas por mais de setenta anos. Deixando que o resultado fale por si, ressalta-se, contudo, que um breve exame das trajetórias individuais dos autores revela olhares paralelos atentos à realidade brasileira e uma ativa produção científica e cultural para o país. Nesse, em um dia qualquer da primeira década do século XXI, um homem de idade avançada descobre-se convalescendo em um hospital público.

[...] meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa.⁸ De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de Dona Maria Louca, se aqui ninguém faz idéia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. (BUARQUE, C., 2009: 50).

Ele é quem dita, do leito de uma maca, o monólogo de Chico Buarque. Sua narrativa reminiscente remonta a história do Brasil ao evocar as figuras do bisavô, “barão negreiro” (BUARQUE, C., 2009: 62), do avô barão do café paulista e cacau baiano que, “[...] *comensal de dom Pedro II, trocou correspondência com a rainha Vitória [...]*” (BUARQUE, C., 2009: 51)⁹, do pai senador, “[...] *um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes [...]* *intermediava comércio de café*” (BUARQUE, C., 2009: 52) e ele mesmo, um centenário aristocrata falido e à beira da morte. As relações entre sua história pessoal e as transições históricas sofridas pela nação se apresentam juntamente com o protagonista.

Eulálio Montenegro d’Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai, Eulálio Ribas d’Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça urbanizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram seu nome pelo de um caudilho gaúcho. A senhora já deve ter lido que em 1930 os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossas tradições no lixo. Tempos mais tarde um prefeito esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel. Mas vieram os militares e destituíram papai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com o nome de um tenente que perdeu a perna. Enfim, com o advento da democracia, um vereador ecologista não sei por que cargas d’água conferiu a meu pai aquela rua sem saída. Meu avô também é uma travessa, lá para os lados das docas. E pelo meu lado materno, o Rio de Janeiro parece uma árvore genealógica, se duvidar mande um moleque comprar o mapa da cidade. Estes são meus dados pessoais, caso a senhora tenha interesse em atualizar o cadastro. O resto são bagatelas de que não me ocupo, aliás, não pedi para estar aqui, quem me internou foi a minha filha. (BUARQUE, C., 2009: 77-78).

Criado no seio de família tradicional dos negócios e da política, o personagem gozou na juventude o prestígio desse nome de berço:

Já eu sabia que as portas estavam apenas encostadas, meu pai passara por elas outras vezes. [...] eu não tinha dúvida de que, para mim, a porta certa se abriria sozinha. De trás dela me chamaria pelo nome justamente a pessoa que eu procurava. E esta me anunciaria com presteza à pessoa influente, que desceria as escadas para me buscar. E me abriria seu gabinete, onde já me aguardariam várias chamadas telefônicas. E pelo telefone, poderosas pessoas me soprariam as

⁸ Por sua vez, “[...] seu pai, o célebre general Assumpção, brandiu em campanha ao lado dos castelhanos contra a França de Robespierre” (ibid.: 103).

⁹ “Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta pra África, mas não deu certo” (ibid.: 15).

palavras que desejavam ouvir. E de olhos fechados, eu molharia pelo caminho as mãos que meu pai molhava. E pelo triplo do preço tratado, me comprariam os canhões, os obuses, os fuzis, as granadas e toda munição que a Companhia tivesse pra vender. Meu nome é Eulálio d'Assumpção, não por outro motivo a Le Creusot & Cie. me confirmou como seu representante no país. (BUARQUE, C., 2009: 43-44).

No entanto, tais pretensões acalentadas breve se mostrariam impossíveis de se concretizar. Pouco antes do início dos anos trinta, os d'Assumpção perdem assassinado seu *pater*, o Senador, e o filho Eulálio segue para o estrangeiro a fim de reorganizar os negócios da família. Lá ele descobriria outro infortúnio.

Há mais de um mês fora sustada a importação de café em toda Europa, levando à falência os atacadistas sócios de meu pai. Em Londres, me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York. Era o caso do espólio da família Assumpção, desafortunadamente aplicado no mercado de ações norte-americano. (BUARQUE, C., 2009: 59).

Sua vida se converteria, desde então, no ponto de inflexão mais profundo da saga dos d'Assumpção. No desenvolvimento da obra, desfeito aqui brevemente em uma ordem cronológica, a tragédia se expressa também nas fachadas das casas em que viveu ao longo de um século. A fazenda dos avós na “raiz da serra” carioca, recanto de sua infância, converteu-se em uma rodovia rodeada por fábricas e uma favela; o casarão neoclássico dos pais em Botafogo, de decoração e mobiliário francês, foi vendido à Embaixada da Dinamarca e transformado em estacionamento; o Chalé de Copacabana (última casa em que viveu com a esposa, Matilde) deixa de ser seu lar quando Eulálio tem que se mudar para um apartamento do edifício construído atrás de seu antigo terreno; muda-se ainda para a Tijuca, outro apartamento, menor; por fim, recorda todos estes lugares no último deles, um leito do SUS.

De imediato, o leitor de *Raízes* identifica em Eulálio um “homem cordial”, o que, de fato, permite realizar a aproximação comparativa entre as obras. Enquanto os valores do protestante weberiano se confirmam pragmaticamente na realização concreta de seus desígnios, no “homem cordial” há um abismo entre a realidade objetiva e seu reflexo subjetivo. Uma relação assimétrica se estabelece entre o indivíduo e os fatos, predominando a arbitrariedade do primeiro. Afirma Eulálio:

Mesmo vivendo em habitação de um só compartimento, num endereço de gente desclassificada, na rua mais barulhenta de uma cidade-dormitório, mesmo vivendo

nas condições de um hindu sem casta, em momento algum perdi a linha. Usava pijamas sedosos com o monograma de meu pai, e não dispensava um roupão de veludo para caminhar até o alpendre no quintal, onde fazia minha higiene num banheiro com paredes chapiscadas e chão de cimento. (BUARQUE, C., 2009: 137)

[...] ao nosso redor a cidade agora não acabava mais, grassavam casebres de alvenaria crua e sem telhado, onde antes havia clubes campestres e chácaras aprazíveis. Perplexa, Maria Eulália olhava aqueles homens de calção à beira da estrada, as meninas grávidas ostentando as panças, os moleques que atravessavam a pista correndo atrás de uma bola. São os pobres, expliquei, mas para a minha filha eles podiam ao menos se dar ao trabalho de cair suas casas, plantar umas orquídeas. (BUARQUE, C., 2009: 177)

Um emulador, vazio de personalidade genuína, transborda continuamente perante seu interlocutor o personalismo herdado; “[...] o *Eulálio do meu tetravô português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai, para mim era menos um nome que um eco.*” (BUARQUE, C., 2009: 31).

No termo de seus dias, traído pelo acaso e por suas próprias disfunções, suas falas confundem-se entre passado e presente, memória e delírio, de modo que somente aos poucos o leitor reconstrói o desastre por completo. A própria história brasileira – pano de fundo da narrativa faltosa – se apresenta como um grande equívoco, qualquer que seja a ordem dos autos relatados. E Eulálio sequer se dá conta disto. Empobrecido, obcecado por um amor perdido e gravemente enfermo, restam-lhe devaneios quixotescos. Porém, como Cervantes, – permitindo-se essa comparação restrita –, Chico envolve suas falas com uma percepção inconsciente de alguns efeitos do processo modernizador no país:

Quando eu morrer, meu chalé cairá comigo, para dar lugar a mais um edifício de apartamentos. Terá sido a última casa de Copacabana, que então se igualará à ilha de Manhattan, apinhada de arranha-céus. Mas antes disso, Copacabana se assemelhará a Chicago, com policiais e gangsters trocando tiros nas ruas, e ainda assim dormirei de portas abertas. Pouco importa que entrem meliantes pela minha casa, e mendigos e aleijados e leprosos e drogados e malucos, contanto que me deixem dormir até mais tarde. (BUARQUE, C., 2009: 49).¹⁰

¹⁰ Dentre outros trechos esse poderia volver-se criticamente, com justeza, à posição unilateral sob muitos aspectos da recepção que a modernidade tem em Sérgio Buarque. A orientação a um modelo americano de vida moderna, mesmo que somente como base de comparação, presente em *Raízes do Brasil*, principalmente tendo em conta contexto sócio econômico dos EUA (pós-crise de 29, iniciando sua recuperação) à redação da obra, é ingênua por descuidar dos limites evidentes. É evidente também, contudo, que tal abordagem extrapola o âmbito do presente trabalho, limitando-se a este registro. Souza (1998), a propósito disto, também aponta esse fato, embora não mais que em notas.

Ainda, o estranho amálgama entre formas tradicionais de cultura e a moral vigente se mostra em várias páginas. Alguns destaques no interior do texto trazem a lume a permanência e mesmo o agravamento de instituições como o patriarcalismo, misto de uma postura autoritária de classe e de gênero:

Então me vi tomado de um sentimento obscuro, entre a vergonha e a raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha. [...] Joguei-a contra a parede e ela não entendeu, começou a emitir gemidos nasais, o rosto achatado nos ladrilhos. (BUARQUE, C., 2009: 66-67).

Em outro ponto, num diálogo entre mãe e filho (Eulálio), evidencia-se a negação dos laços consanguíneos entre sua classe e cor com as demais – em duas palavras, racismo, preconceito:

Olhou-me bem de perto e disse que, entre os Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha beiços grossos como os meus. A comida, cuspi no prato, mas fiquei com a ofensa engasgada esses anos todos. E agora lhe perguntei em passant, ao sair da biblioteca, por que ela nunca me contara que o tio Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim. (BUARQUE, C., 2009: 74-75).

Ainda, parte substantiva do capítulo treze do livro trata da ligação familiar dos d'Assumpção com os Palumba. A filha única de Eulálio, Maria Eulália, casa-se com o “investidor financeiro” Amerigo Palumba, filho de imigrantes italianos ligados à pecuária. Mediante o matrimônio, o genro se aproximaria das posses de Eulálio. Rapidamente elas se converteriam em seu patrimônio pessoal, na miséria da esposa, filho e sogro.

Há, em suma, no “novo Brasil” de *Leite Derramado*, pouco mais que uma repetição do “velho”, pois “*a experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estas encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida.*” (BUARQUE, S., 1999.: 39).

5. Considerações Finais

De acordo com a Botânica, as raízes possuem duas funções orgânicas principais: fixar o restante da planta ao solo e dele extrair água e nutrientes. Ao longo de toda vida da planta, o crescimento do caule e o desenvolvimento das demais estruturas (flores, frutos) formam uma unidade necessária com a irradiação cada vez mais profunda de suas raízes.

Ao retomar e expandir a alegoria de Sérgio Buarque de Holanda, não de maneira arbitrária, mas avaliando os desdobramentos históricos transcorridos desde a confecção de sua obra prima, aponta-se *Leite Derramado* como uma continuação da última estrofe de *Olé, Olá*¹¹. Seu lamento é um réquiem da modernidade brasileira entrevista como possível na obra de Sérgio Buarque e que, longe de não se haver realizado e esteja distante da visão do autor, cumpre rigorosamente sua função no âmbito de um sistema mundial de inter-relações políticas, sociais, econômicas e culturais, uma “modernidade ampliada” desigual e contraditória em cada um de seus espaços de existência e exacerbadamente em sua periferia.

Mirando nosso país, a demência e o ocaso de Eulálio, velho “homem cordial”, não representaria também, mais do que a personificação de uma fração da classe dominante que não permutou seu domínio ao longo do último século, a própria contradição extremada entre as raízes históricas de nossas instituições sociais e os efeitos da modernidade que, não as superando, potencializou sua capacidade destrutiva?

Note-se que a despeito de seu deslocamento social e estado de saúde física e mental, Eulálio é o único a falar na história de Chico. Também nossa história nacional não seria um monólogo a seguir independente das eventuais avarias financeiras ou psicológicas de quem lhe dita?

Distanciando qualquer pretensão de resposta aos questionamentos acima, se encerra neles a proposta do artigo, laconicamente; ciente de suas limitações, cioso de seu esforço.

6. Referências Bibliográficas

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUARQUE DE HOLANDA, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

¹¹ Canção composta por Chico Buarque em 1965 que termina com os versos seguintes: “Tem samba de sobra / Ninguém quer sambar / Não há mais quem cante / Nem há mais lugar / O sol chegou antes / Do samba chegar / Quem passa nem liga / Já vai trabalhar / E você, minha amiga / Já pode chorar”.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1993. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/porque/index01.html>. Acesso em: 09 Agosto 2010.

ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

FERREIRA, Ana L. O perfil vanguardista de Ramos e as raízes modernistas de Holanda. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 84, 2008.

FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)**. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

REVISTA CULT n. 124: **A sociologia de Max Weber**. Março de 2010. São Paulo: Bregantini.

REVISTA KLAXON: mensário de arte moderna. [s. n.]. (1922). São Paulo: (disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/62>, acesso em 01/07/2010).

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Posmodernidad, posmodernismo y socialismo. **Revista Trabajo y Capital**, n. 3. Montevidéo, 1992: 79-94.

SANTOS, Nelson P. (Diretor). **Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda** [Filme Cinematográfico], 2003.

SOUZA, Jessé S. A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300006&lng=>. Acesso em 03 Julho 2010.

VILLAS BÔAS, Glaucia. Ascese e Prazer: Weber vs Sombart. **Lua Nova. Revista de Cultura e Política**. São Paulo, v. 52, p. 173-196, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Economía y sociedad: Esbozo de sociología comprensiva**. 14. reimp. da 2. ed. em espanhol, de 1964). México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. **Ensaio de Sociologia** (organização e apresentação de GERTH, Hans Heinrich; MILLS, C. Wright). Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

Recebido em: 31/08/2010

Aprovado em: 06/12/2010